

Musicalização Infantil antes e durante a Pandemia do COVID 19

GTE 10 – Educação Musical na Infância

Comunicação

Regiana Blank Wille
Universidade Federal de Pelotas
regianawille@gmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta um projeto de extensão que vem sendo realizado na Universidade Federal de Pelotas que tem como objetivo o desenvolvimento de ações pedagógicas em educação musical a partir da formação e ação de alunos do curso de Música – Modalidade Licenciatura da UFPEL, voltados à Infância. O relato traz as ações de um projeto de extensão que até então atuava com aulas presenciais para turmas de musicalização para crianças de 0 até quatro anos. Destaca-se que o projeto mudou desde o início da pandemia com a suspensão das aulas presenciais em virtude da Pandemia do COVID19 e o surgimento de um calendário alternativo remoto. São descritas as adaptações, mudanças e reflexões advindas deste processo que modificou a vida dos futuros professores licenciandos, coordenação bem como de todas as atividades dos projetos e seus participantes.

Palavras-chave: Musicalização Infantil, Pandemia do COVID19, Extensão universitária

Experiências para aprender nos Projetos de Extensão Universitária:

Ao visualizarmos a estrutura da Universidade Pública Brasileira percebemos que esta se sustenta em três eixos: o ensino, a pesquisa e a extensão e estes devem ser abordados de forma indissociável. A extensão universitária é uma prática acadêmica que necessariamente conecta a universidade e a comunidade e corrobora para a formação do profissional cidadão, trazendo à tona a comunidade como um espaço privilegiado para produção de conhecimento significativo e capaz de superar desigualdades sociais (FORPROEX, 2001). A extensão universitária por sua vez possibilita a formação e a produção de conhecimentos envolvendo professores e acadêmicos. E isso ocorre de forma dialógica, permitindo muitas vezes que a estrutura rígida das disciplinas curriculares, tenha uma flexibilidade curricular que possibilite uma formação mais crítica (JEZINE, 2004). A extensão tem um grande desafio de repensar a

relação do ensino e da pesquisa frente às necessidades sociais. As contribuições da extensão são colocadas para que se efetive a cidadania e posterior transformação da sociedade. O modelo extensionista busca auxiliar a sociedade contribuindo para a melhoria dos cidadãos (CARBONARI e PEREIRA, 2017).

Em seu início foram dois projetos criados, um em 2007 e outro 2014 respectivamente e denominavam-se Musicalização para Bebês e Musicalização Infantil, ministrados pela professora/coordenadora e acadêmicos (as) do Curso de Licenciatura. Atualmente temos um único projeto chamado Musicalização Infantil que reúne crianças de 0 a 4 anos. O projeto além de atender a comunidade em geral proporcionando uma vivência musical, possibilita aos acadêmicos uma forma de ampliar o que é aprendido durante sua formação, reforçando e contribuindo na construção da sua identidade enquanto acadêmico. As crianças atendidas nos projetos têm idade entre dois meses e quatro anos. Utilizamos como referenciais para embasamento teórico e musical os estudos de Beyer (2000), Ilari (2002) e Parizzi (2005) e propiciando uma vivência sonora em consonância com fundamentos pedagógicos e psicomotores. Utilizamos também autores da Educação como Nóvoa (1995), Tardiff (1999) e da inclusão como Louro (2012), Schambeck (2016) entre outros. Destacamos a importância de oportunizar aos acadêmicos práticas ao longo da sua formação, considerando que não é somente com a acumulação de conhecimentos que se constrói a formação.

Nos Projetos de Musicalização a participação do pai ou da mãe e/ou do cuidador (a) durante as aulas é fundamental, os pequenos começam a ter contato com outras pessoas, estreitam os laços com as outras crianças e fortalecem o elo entre mãe/pai/cuidador (a) e bebê. As aulas têm uma estrutura pré-estabelecida proporcionando que a criança experimente várias vezes a mesma ação. As aulas de musicalização com crianças pequenas necessitam ser tratadas com muita competência, em oposição a um ensino de música de produtos e de produtividades. Salientamos a importância de uma educação musical inclusiva, contribuindo para formação de cidadãos e para o convívio com as diferenças.

Neste contato inicial com a música denominado musicalização os conteúdos de inserção musical são direcionados com o intuito de proporcionar e ampliar o desenvolvimento musical. As vivências musicais proporcionadas aos bebês e crianças são reais, explanando nossa ferramenta de estudo, tornando o aprendizado tão efetivo que impacta o ambiente extensionista. E essa vivência é proporcionada no contexto acadêmico a partir da troca de saberes entre comunidade e universidade. Inclusive a maneira como cada uma recebe, retém

e reproduz esses estímulos. Percebemos que o entendimento de um mesmo elemento pode ser percebido de diversas formas e que cada criança já traz elementos desse “vocabulário”. A partir disso, cabe aos monitores perceberem e utilizarem esse vocabulário nas atividades propostas idealizando a interação do conhecido com o inusitado. Entender as diversas formas que a criança reage aos estímulos sonoros promove avanços na vivência musical.

Em relação ao aprendizado observamos que o aprendiz não é apenas a criança em seu processo de musicalização, mas também dos pais e do monitor que está descobrindo como acontece o processo de troca de conhecimento musical. Sabemos que não nascemos tábulas rasas como afirma a teoria de John Locke, as crianças têm informações musicais que foram adquiridas desde a gestação, a pulsação do coração da mãe, estímulos vocais dos pais e família, tudo tem influência nesse material musical e a criança leva consigo pelo resto de sua vida. Já nos primeiros meses de vida o bebê consegue reconhecer contornos melódicos, mudanças rítmicas e diferenciar consonância e dissonância. A exposição precoce à música além facilitar a emergência do desenvolvimento musical, contribui para a construção de um cérebro biologicamente mais conectado, fluido, emocionalmente competente e criativo (MUSZKAT, 2012 p. 69). Nossas aulas são planejadas nas reuniões dos projetos visando o envolvimento de cada criança e a possibilidade de que as ideias abstratas dos conceitos musicais possam ser trazidas para um plano de interação física e possibilitando entendimento.

As aulas de Musicalização antes da Pandemia

Até o último semestre regular de aulas (2019/02), as aulas de musicalização aconteciam presencialmente de segunda a quinta no Laboratório de Educação Musical da universidade, atendendo duas turmas por dia e cada turma com até dez bebês/crianças acompanhados de seus pais/cuidadores, que frequentavam as aulas uma vez por semana. A rotina dos monitores incluía higienização dos instrumentos, brinquedos e organização da sala, (tambores, chocalhos, cachorrinhos de borracha, palhacinhos de papelão forrados com plástico), organização do repertório, aquecimento vocal, afinação dos instrumentos e recepção e acolhimento das crianças e acompanhantes para a aula.

A estrutura das aulas possuía uma organização fixa, tendo como objetivo promover a sensibilização musical utilizando o canto, jogos e brincadeiras, movimentos e sons corporais, de forma a respeitar as etapas de desenvolvimento físico, motor e cognitivo-musical de cada bebê/criança observada a faixa etária.

Dessa forma, cada momento tinha seu papel na promoção do processo de aprendizagem e sensibilização referido. Observamos durante as aulas presenciais, a mudança que ocorria na interação dos pais/cuidadores com seus filhos quando entravam para o projeto, os gestos muitas vezes contidos procurando não errar o que estava sendo aprendido também por eles, buscando alcançar os outros pais/cuidadores e deixando para segundo plano a execução com o bebê/criança. Os pais já acostumados com a rotina do projeto conseguiam desfrutar melhor deste momento, compreendendo que o mais importante nas aulas eram troca de afeto com seus pequenos, momento de criar boas recordações, fortalecendo os laços e aprendizados através do fazer musical, sabendo que a execução aperfeiçoada dos gestos vem com o tempo, como resultado natural da participação ativa, bem como a própria musicalização.

Beyer (2000) e Ilari (2002) afirmam que as aulas de musicalização para bebês/crianças contribuem para um melhor relacionamento afetivo com seus pais/cuidadores, quando estes participam ativamente das aulas, dessa forma, os pais passam a ter um papel muito significativo no desenvolvimento musical de seus filhos, conseqüentemente propiciando um ambiente mais eficaz para o aprendizado musical em casa, já que cantam e estimulam de forma efetiva este resultado.

E veio o desafio da Pandemia

Nosso primeiro grande desafio no projeto foi em 2016 quando os pais de crianças com autismo nos procuraram para que seus filhos tivessem a possibilidade de participar da musicalização e, assim, a inclusão passou a fazer parte dos nossos objetivos¹. Em 2020, encontramos possivelmente o maior ou segundo maior desafio do projeto. Necessitamos experienciar a vida de uma nova forma, a vida em meio à uma pandemia, do COVID-19. Trata-

¹ Ingressaram no projeto várias crianças com Transtorno do Espectro Autista e a partir daí várias ações foram realizadas até a criação de um Grupo de Estudos e Projetos de Pesquisa.

se de uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus que foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na China. O vírus que se espalhou pelo mundo e foi encontrado no Brasil em fevereiro de 2020², sendo fácil e rápida sua transmissão.

A universidade suspendeu suas aulas e todas as atividades presenciais foram canceladas quando o projeto estava realizando as inscrições para o novo ano letivo. Em meio a este caos que se instaurou em meados de abril, com tentativas de adaptação a um calendário alternativo e com possibilidade de aulas online da universidade, nós ainda estávamos aguardando um possível retorno que não ocorreu. Nessas relações extensionistas, é estabelecido um vínculo entre comunidade e universidade, entre criança e educador, criança e rotina. A criança e seu contato com a música é nosso principal objetivo, são as crianças nossas protagonistas no projeto acompanhadas de seus pais e/ou cuidadores. A participação dos pais no projeto não se restringe apenas acompanhar os bebês e crianças, mas também reproduzir as atividades em casa, cantando com os filhos e os incentivando a cantar, a realizar as dinâmicas trabalhadas nas aulas do projeto, a terem vivências musicais dentro e fora de casa, contribuindo assim para o desenvolvimento musical e cognitivo da criança. De acordo com Filipak e Ilari (2005): “Educando musicalmente pais e crianças, futuramente teremos bons ouvintes e apreciadores musicais”, ou seja, a musicalização tem uma influência sobre todos os participantes do projeto até mesmo na perspectiva de apreciar as músicas. Os pais em grande parte cantam as canções utilizadas na musicalização em outros momentos do cotidiano, isso nos faz refletir sobre a família estar se musicalizando juntamente com seus filhos. Essas questões envolvidas no projeto de extensão foram então os fatores principais que provocaram o movimento tomado pelo grupo neste período de isolamento e suspensão das atividades presenciais.

Dessa forma, no contato feito nas reuniões virtuais entre coordenadora e monitores, percebemos que seria necessário tentar manter esses vínculos de alguma forma. Imaginávamos uma situação temporária, porém sem data de término ou de volta à uma dita “normalidade”. Mantivemos então nossas reuniões semanais de maneira virtual, através da

² As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19 quando essas gotículas infecciosas entram na sua boca, nariz ou olhos (OPAS, 2020).

plataforma disponibilizada pela universidade, realizando nossos estudos sobre infância e musicalização, tentando também manter nossos vínculos discentes e discente-docente. Nessas reuniões foi consenso realizar alguma ação em relação ao projeto, às crianças, tentar manter o contato extensionista. A discussão levou algumas reuniões virtuais, pensando em todas os fatores que envolviam qualquer tipo de ação: didática, acesso à internet, equipamentos necessários, planejamento musical pedagógico, quantidade de conteúdo semanal, quantidade de monitores disponíveis, relação dos conteúdos com a faixa etária diversa das crianças, entre outros. A decisão tomada, a metodologia escolhida, ou melhor, o desafio foi: realizar duas gravações de aula de musicalização infantil por semana que seriam disponibilizadas via canal do *Youtube* apenas para os alunos já matriculados anteriormente no projeto.

Pensando na capacidade de concentração de crianças tão pequenas, acreditamos que nosso roteiro de aula precisava ser reduzido, pois sem o contato presencial com os colegas e professores provavelmente não seria possível manter a atenção das crianças em uma tela por trinta minutos. Consideramos ainda o que a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) tem alertado sobre a criança menor de 3 anos e o mundo digital. Significa pensar na prevenção da intoxicação digital com recomendações e materiais de apoio presentes em documentos elaborados desde 2016.

Para as gravações eram necessários um bom local com isolamento acústico, um bom aparelho celular ou câmera para captar o áudio. Alguns de nossos monitores não possuíam um bom instrumento musical em casa (violão, piano, teclado) eles vêm para a universidade estudar. Significa pensarmos que nesse período de isolamento estamos vivendo num espaço antissocial, onde os esforços educacionais se exaurem, no ir e vir concreto na tensão permanente da cidade, quando muitos dos atingidos são reduzidos à espécie, numa agressão ao indivíduo e numa desagregação da sociedade (FRAGA, 2007). Muitas vezes quando se fala nesse ensino emergencial se pressupõe que todos e todas têm o mesmo acesso e condições. Mas em nosso projeto ficou evidente que não, porque o acesso dos licenciandos ficou prejudicado, não somente das crianças. Mas essas questões se somaram também a nossa impossibilidade (já que as aulas eram gravadas) de vermos as crianças, de sabermos se elas estavam interagindo, fazendo música, participando junto com seus pais e/ou cuidadores ou apenas assistindo a mais uma gravação das muitas que se encontram disponíveis na internet. Mesmo que tudo tenha sido planejado, pensado e refletido, cada gravação, cada música e

atividade essas eram dúvidas frequentes. Durante esse período a possibilidade foi solicitar aos pais um relato, uma mensagem desse momento das aulas gravadas ou até mesmo uma foto um vídeo do momento. Nossa expectativa era que as crianças nos vissem nos vídeos e a partir disso pudessem sentir o nosso entusiasmo e energia.

Fomos então pensando em alternativas possíveis e decidimos experimentar um retorno um pouco mais próximo da realidade pré-pandemia. Em novembro de 2020, poucas semanas antes do término do ano letivo realizamos algumas aulas online em plataformas livres. Como nosso projeto é público não possuímos verbas para utilização de plataformas com mais recursos (fundos, filtros ou jogos) e nossos monitores têm ainda dificuldades técnicas (alguns usam o celular, conexão fraca). As aulas remotas trouxeram novos desafios: equalizar os áudios e organizar crianças e pais com seus diferentes aparelhos conectados, ter um local agradável e que proporcionasse a realização das atividades, a impossibilidade de tocarmos e cantarmos todos juntos com os microfones abertos (mesmo que alguns às vezes esqueçam e abram nos outros momentos). Além dessas, outras questões passaram a nos desafiar: como mudanças nas rotinas das famílias, volta ao trabalho pelos pais e até a volta presencial de algumas crianças às escolas.

E em 2021 para onde voltamos?

Iniciamos o ano de 2021 com as mesmas possibilidades do ano que passou: aulas remotas porque o ensino presencial ainda não é possível. Desde o retorno optamos em realizar as aulas online e não mais por gravações. Os monitores consideraram mais difícil a gravação e os processos que a envolvem. As aulas têm ocorrido semanalmente em diferentes horários e com novos monitores, as reuniões de planejamento ocorrem na plataforma da universidade, tudo ainda de forma remota. Muitos desafios persistem, sejam de ordem técnica, pedagógica ou musical. Estamos nos esforçando para minimizar esta situação que perdura há mais de um ano e temos clareza de que muitas crianças e pais “se perderam” neste tempo de aulas remotas e outros permaneceram. Possibilidades e aprendizados também tivemos em relação ao uso de plataformas, aplicativos de gravação entre outros aprendizados. Como um Projeto de Extensão Universitária que atua há alguns anos com musicalização infantil, destacamos que as aulas remotas são possibilidades, mas não substitutos das aulas presenciais, elas funcionam neste momento específico e para algumas poucas famílias. Brincadeiras, atividades e aulas que se desligam com um botão ou um toque são ainda

superficiais e não substituem a beleza de ter companheiros para brincar ao vivo, para interagir e para fazer música.

Referências

BEYER, Esther. Tendências curriculares e a construção do conhecimento musical na primeira infância. In: Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical. 9, 2000. Belém. *Anais...* Porto Alegre: ABEM, p. 43-51, set. 2000.

CARBONARI, Maria; PEREIRA, Adriana. *A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade*. São Paulo, Set. de 2007. Base de dados do Anhanguera. Disponível em: <http://www.sare.unianhanguera.edu.br/index.php/educ/article/viewArticle/207>. Acesso em: 09 set. 2017.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. *Revista Música Hodie*, v. 5, n. 1, 2005.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. Avaliação Nacional da Extensão Universitária. Brasília: MEC/SESu; Paraná: UFPR; Ilhéus, BA: UESC, 2001 (*Coleção Extensão Universitária*; v.3).

FRAGA, Valdez. A postura do professor e as grandes questões humanas nas práticas educacionais. IN: *Cadernos EBAPE.BR*. Volume V – Edição Especial, vol.5 no. Rio de Janeiro Jan. 2007. Disponível em: www.ebape.fgv.br/cadernosebape

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*. Associação Brasileira de Educação musical. Porto Alegre, n. 7, p. 83-90, setembro, 2002.

JEZINE, Edineide. *As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária*. 2004. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas-curriculares.pdf> Acesso em: 26 set. 2017.

MUSZKAT, Mauro. Música, neurociência e desenvolvimento humano. JORDÃO, GISELE; ALLUCCI, Renata; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coord.) *A Música na Escola*. ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES São Paulo - 2012 Ministério de Cultura e Vale.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto: Porto, 1995. p. 11-30.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 28/08/2020 às 19:32h.

PARIZZI, Maria Betânia. O canto espontâneo da criança de três a seis anos como indicador de seu desenvolvimento cognitivo-musical. *Dissertação (Mestrado em Música)*. UFMG. 2005, Belo Horizonte.

SCHAMBECK, Regina Fink. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *Revista da ABEM*, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan/Jun.2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.